



EDUCAÇÃO, LUTAS, DESAFIOS E VIVÊNCIAS: REFLEXOS DE UMA SOCIEDADE ENRAIZADA PELO PATRIARCADO

EDUCACIÓN, LUCHA, RETOS Y EXPERIENCIAS: REFLEJOS DE UNA SOCIEDAD ENRAIZADA EN EL PATRIARCADO

EDUCATION, STRUGGLE, CHALLENGES AND EXPERIENCES: REFLECTIONS OF A SOCIETY ROOTED IN PATRIARCHY

Antonia Nilene Portela de SOUSA¹

RESUMO

Este artigo tem como base estudos do feminismo para compreender a situação da mulher na sociedade contemporânea. Utilizando figuras emblemáticas do município de Tianguá (CE) a pesquisa destaca mulheres que de alguma forma interfeririam no processo de dominação do patriarcado em sua comunidade, rompendo barreiras, desconstruindo estereótipos. Para fortalecer esse estudo, trabalhamos alguns conceitos e ideias de Biroli², Ferguson e McNally³, Tiburi⁴, Del

¹ Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Sobral, Ceará, Brasil. nileneportela@yahoo.com.br

² BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil* [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. Ferguson e McNally (2017, p.28). São Paulo. 2018.

³ FERGUSON Susan e MCNALLY, David. *Capital, força de trabalho e relações de gênero*. Revista outubro, n. 29, novembro de 2017. http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf. Acesso em 16 ag. 2021.

⁴ TIBURI, Marcia. *O Que É Feminismo?* Empório Do Direito. 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/> Acesso em: 20 out. 2021.

Re⁵. A partir dessas leituras, foi possível estabelecer conexões do passado com o presente e visualizar como comportamentos sociais das décadas de 40 à 80 ainda são presentes nos dias atuais. A nossa discussão reforça a tese de que o machismo é estrutural, perigoso e se alastra ao longo dos séculos nas diferentes civilizações. Essa postura de dominação exercida por homens, se materializa diariamente nos diferentes espaços. Por mais que os movimentos feministas tenham entrado em evidência nas últimas décadas, às lutas por igualdade de gênero são constantes, um trabalho árduo exercido do Ocidente ao Oriente. Salientamos que, esses comportamentos ditados pelas sociedades se construíram sob o prisma do patriarcado, levando a crer que o homem é um ser dotado de qualidades das quais a mulher não possui, é a inferiorização do gênero feminino. O que para muitos pode parecer extremismo, mas o que acontece de fato é uma luta contínua pela sobrevivência e o direito de ser o que quiser. Nesse estudo, prezamos pelo uso de uma metodologia bibliográfica para identificar o quanto a sociedade contemporânea tem se mostrado retrógrada e machista, isso são posturas arcaicas ainda exercidas no século XXI, resquícios de uma cultura desigual, que coloca o homem em posição de superioridade, deixando a mulher no plano de fundo, limitadas aos lares, a criação dos filhos, cuidados com a casa, longe da visibilidade social.

Palavras-chave: Equidade de gênero; Patriarcado; Tianguá; Mulher na sociedade

RESUMEN

En este artículo utilizamos los estudios del feminismo como base para comprender la situación de la mujer en la sociedad. Utilizando figuras emblemáticas de la ciudad de Tianguá (CE), la investigación destaca a mujeres que de alguna manera

⁵ DEL RE, Alise. D. *Práticas políticas e binômios teóricos no feminismo contemporâneos*. Ed. SOS Corpos. Recife. 1993.

interferirían en el proceso de dominación patriarcal en su comunidad, rompiendo barreras, deconstruyendo estereotipos. Para fortalecer este estudio, trabajamos con algunos conceptos e ideas de Birolí⁶, Ferguson y McNally⁷, Tiburi⁸, Del Re⁹. A partir de estas lecturas, fue posible establecer conexiones entre el pasado y el presente y visualizar cómo los comportamientos sociales de los años 40 a los 80 siguen presentes en la actualidad. Nuestra discusión refuerza la tesis de que el machismo es estructural, peligroso y se extiende a lo largo de los siglos en las más diversas civilizaciones. Esta postura de dominación ejercida por los hombres se materializa a diario en los espacios más diversos. Por mucho que los movimientos feministas hayan pasado a primer plano en las últimas décadas, las luchas por la igualdad de género son un trabajo constante y arduo que se lleva a cabo de Oeste a Este. Destacamos que estos comportamientos dictados por las sociedades se construyeron bajo el prisma del patriarcado, lo que nos lleva a creer que los hombres están dotados de cualidades que las mujeres no tienen, que son la inferioridad del género femenino. Lo que para muchos puede parecer un extremismo, pero lo que en realidad sucede es una lucha constante por la supervivencia y el derecho a ser lo que quieres. En este estudio destacamos el uso de una metodología bibliográfica para identificar cómo la sociedad contemporánea se ha mostrado retrógrada y sexista, son posturas arcaicas aún ejercidas en el siglo XXI, remanentes

⁶ BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil* [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. Ferguson e McNally (2017, p.28). São Paulo. 2018.

⁷ FERGUSON Susan e MCNALLY, David. *Capital, força de trabalho e relações de gênero*. Revista outubro, n. 29, novembro de 2017. http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf. Acesso em 16 ag. 2021.

⁸ TIBURI, Marcia. *O Que É Feminismo?* Empório Do Direito. 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/>Acesso em: 20 out. 2021.

⁹ DEL RE, Alise. D. *Práticas políticas e binômios teóricos no feminismo contemporâneos*. Ed. SOS Corpos. Recife. 1993.

de una cultura desigual, que coloca a los hombres en una posición de superioridad, dejar a la mujer en un segundo plano, limitarse a los hogares, criar hijos, cuidar la casa, lejos de la visibilidad social.

Palabras clave: Equidad de género; Patriarcado; Tianguá; Mujeres em la sociedad

ABSTRACT

In this article, we use the studies of feminism as a basis to understand the situation of women in society. Using emblematic figures from the city of Tianguá (CE), the research highlights women who would somehow interfere in the patriarchy domination process in their community, breaking barriers, deconstructing stereotypes. To strengthen this study, we work with some concepts and ideas from Biroli¹⁰, Ferguson and McNally¹¹, Tiburi¹², Del Re¹³. From these readings, it was possible to establish connections between the past and the present and to visualize how social behaviors from the 40s to the 80s are still present today. Our discussion reinforces the thesis that machismo is structural, dangerous and spreads over the centuries in the most different civilizations. This posture of domination exercised by men is materialized daily in the most different spaces. As much as feminist movements have come to the fore in recent decades, the struggles for gender equality are constant, hard work carried out from West to East. We emphasize that these behaviors dictated by societies were built

¹⁰ BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil* [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. Ferguson e McNally (2017, p.28). São Paulo. 2018.

¹¹ FERGUSON Susan e MCNALLY, David. *Capital, força de trabalho e relações de gênero*. Revista outubro, n. 29, novembro de 2017. http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf. Acesso em 16 ag. 2021.

¹² TIBURI, Marcia. *O Que É Feminismo?* Empório Do Direito. 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/> Acesso em: 20 out. 2021.

¹³ DEL RE, Alise. D. *Práticas políticas e binômios teóricos no feminismo contemporâneos*. Ed. SOS Corpos. Recife. 1993.

under the prism of patriarchy, leading us to believe that men are endowed with qualities that women do not have, that they are the inferiority of the female gender. What to many may seem like extremism, but what actually happens is an ongoing struggle for survival and the right to be what you want. In this study, we emphasize the use of a bibliographic methodology to identify how contemporary society has shown itself to be retrograde and sexist, these are archaic postures still exercised in the 21st century, remnants of an unequal culture, which places men in a position of superiority, leaving the woman in the background, limited to homes, raising children, taking care of the house, far from social visibility.

Keywords: Gender equity; Patriarchy; Tianguá; Women in society

1 Introdução e Referencial Teórico

Esse estudo faz um recorte sobre questões de gêneros nos provocando a refletir sobre construções sociais, participação dos sujeitos na sociedade e questões de poder e dominação que se cristalizaram em uma falsa ideia que segue reforçando uma premissa que o homem é dotado de mais qualidades e exerce um poder sobre a mulher. A pesquisa em tela, retrata a figura da mulher no município de Tianguá (CE) entre meados de 40 à 80, apresentando como o gênero feminino na medida que ganha um papel de destaque na sociedade, sofre ataques nas mais diferentes dimensões. Percebemos que muitas instituições e coloco os espaços educacionais nesse pacote, que acreditavam ser os espaços públicos e sociais como um lugar de homem e, para a mulher, o limitado espaço do lar, da casa, como seu lugar de (con)vivência. Percebemos que o machismo é estrutural e por mais que estejamos falando em posturas do século passado, no século XXI são práticas que ainda insistem em permanecer. Os resquícios de uma sociedade machista sobrevivem nos dias atuais e por mais que compreendamos essas atitudes e comportamentos como ultrapassados e inadequados, a mulher ainda sofre para ocupar lugares e exigir dos mesmos direitos. São ranços que sempre vêm à tona e nos mostra como na nossa sociedade o patriarcado é vivo e resistente. Se observarmos em algumas áreas da ciência, a

presença da mulher é mínima, no universo educacional os índices de assédios morais e sexuais são alarmantes. No campo da política temos um espaço hostil e seu lugar de fala em muitos casos são cerceados. Seja em Tianguá (CE) na década de 80 ou em 2021 no município de Pedreiras no Maranhão.

Nas últimas décadas os movimentos feministas ganharam força e à luta das mulheres por igualdades atraiu a atenção dos mais diferentes segmentos sociais. Para muitos movimentos desta contemporaneidade a revolução é feminista e como apregoa Tiburi¹⁴, o “Feminismo é uma crítica concreta da sociedade que tem base em uma ação teórica inicial e que é constitutiva da prática enquanto crítica da dominação masculina”. O que a sociedade precisa entender é que: Não precisa ser mulher para ser feminista, a questão vai muito além disso, ser “Feminista é alguém que pensa criticamente, enquanto essa crítica se dá na direção de uma releitura do mundo que tira os véus desse mesmo mundo organizado pela dominação masculina”¹⁵.

A força dos movimentos feministas é fundamental para que possamos enxergar à mulher enquanto sujeito social, dotado de respeito e valor. Mesmo diante dos movimentos em prol da equidade de gêneros, existem lacunas profundas a serem reparadas, e isso não só no Brasil, em grande parte do Mundo. O retrocesso que a comunidade Afegã está vivenciando em 2021, como à luta das mulheres locais para conseguir o direito de trabalhar e estudar ganharam destaque com a ascensão do Talibã, foram décadas de lutas para um retrocesso irreparável, pois tiveram que voltar para os tempos sombrios, cobertas por burcas, uma peça do vestuário tradicional das mulheres mulçumanas, utilizado principalmente pelas afegãs, caracterizado por cobrir cabelo, rosto e corpo sendo limitadas a subserviência do homem.

É notório que conviver em sociedade não é uma tarefa fácil, e se você for mulher, essa atividade consegue ser ainda mais difícil e perigosa. Em cidades do Afeganistão ou do Brasil ainda existem mulheres lutando para sobreviver, essa ideia de dominação masculina tem nos mostrado como o mundo tem sido perverso e violento com as mulheres. Nos noticiários são matérias que nos revelam ataques, ofensas e assédios diários. Recentemente em uma cidade no interior do estado do Paraná, uma jovem que estava transitando de bicicleta pela via, foi atacada por homens em um veículo

¹⁴ TIBURI, Marcia. *O Que É Feminismo?* Empório Do Direito. 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/Acesso em: 20 out. 2021>

¹⁵ *Ibidem*.

que se sentiram livre para passar a mão no corpo da jovem, muitos acreditam que uma mulher sozinha em um espaço público é um convite, que seu corpo ali também é público. É uma violência nitidamente de gênero, que ultrapassa o campo físico, psicológico e moral.

O que estamos discutindo aqui, é algo que não precisaria acontecer, você ter que lutar por uma igualdade de gênero. Estamos falando em equidade de gênero, que se traduz em uma disposição para o reconhecimento dos direitos de cada ser humano – de cada cidadão e de cada mulher. Não é uma questão de querer ocupar os lugares dos homens, é uma questão de poder ser o que quiser, ocupar o lugar que lhe interessa e não ser silenciada ou vetada por uma simples questão de gênero.

2. Métodos

Para esse trabalho utilizamos de uma metodologia bibliográfica, por entender que esse tipo de estudo, “explica um problema a partir de referências teóricas. Baseia-se na análise da literatura já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas, imprensa escrita e até disponibilizada na internet”¹⁶. Esse método nos coloca enquanto pesquisadora, diante de informações relacionadas a temática que nos interessa investigar.

Assim sendo, nos apoiamos em estudiosos da área do feminismo, como Biroli¹⁷, Ferguson e McNally¹⁸, Tiburi¹⁹, Del Re²⁰ e outras/os. Para poder vislumbrar a relação desse momento diante das posturas de mulheres que de forma emblemática vivenciaram o machismo em sua época na comunidade de Tianguá (CE).

¹⁶ GARCIA, Regina Leite (Org.). Método, métodos, contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003, p. 31.

¹⁷ BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil* [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. Ferguson e McNally (2017, p.28). São Paulo. 2018.

¹⁸ FERGUSON Susan e MCNALLY, David. *Capital, força de trabalho e relações de gênero*. Revista Outubro, n. 29, novembro de 2017. http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf. Acesso em 16 ag. 2021.

¹⁹ TIBURI, Marcia. *O Que É Feminismo?* Empório Do Direito. 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/> Acesso em: 20 out. 2021.

²⁰ DEL RE, Alise. D. *Práticas políticas e binômios teóricos no feminismo contemporâneos*. Ed. SOS Corpos. Recife. 1993.

3. Resultados e Discussão

A guerra de gênero se alastra por séculos e é algo bastante preocupante, pois parece que não evoluímos nesse aspecto, visto que, vivemos em uma sociedade com índices altíssimos de violência contra a mulher. Como falar em igualdade de gênero sem que mulheres tenham as mesmas condições de vida do homem. O primeiro passo é admitir que estamos falando de direitos que não são reconhecidos e efetivados.

É impossível se falar em democracia em um país que homens têm mais oportunidades, respeito e segurança que mulheres. Segundo Cruz²¹ “A luta do movimento feminista por muito tempo não foi vista com bons olhos. Era considerada como organização de disputa de espaço com os homens e não como busca de direitos iguais”. É evidente que para muitos homens dividir os mesmos espaços com mulheres é visto como uma ameaça, não lhes parecem como algo natural.

Para Del Re²², se faz preciso (re) pensar esse ambiente de disputa e ameaça que homens persistem em enxergar: “Não sou nem quero ser igual a um homem, mas sei que sou e quero ser equivalente, de valor igual. Não quero que meu ser sexuado represente um ‘não valor’ ou um ‘sobre valor’”. Diante dessa afirmativa, lembra-se que, liberdade e igualdade perpassam pela construção política, no que significa o enfrentamento às práticas abusivas de desigualdade e submissão que se instala nos vários espaços da sociedade, onde o poder ideológico, religioso, cultural e até educacional impera.

Para Biroli²³ a perspectiva sexual relacionada ao campo do trabalho nessa disputa entre gêneros incide “em conjunto com sua posição de classe e com o racismo estrutural. Não é possível, assim, pressupor que os privilégios estão sempre entre os homens, e as desvantagens e as formas mais acentuadas de exploração, entre as

²¹ CRUZ, Maria Izabel da. *A mulher na Igreja e na Política*. 1ª ed. Editora: Outras Expressões. São Paulo. 2013, p. 25.

²² DEL RE, Alise. D. *Práticas políticas e binômios teóricos no feminismo contemporâneos*. Ed. SOS Corpos. Recife. 1993, p. 5.

²³ BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil* [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. Ferguson e McNally (2017, p.28). São Paulo. 2018, p.18.

mulheres”. Se pensarmos em lugar de trabalho, o lar também é um trabalho, que por sinal é árduo e exaustivos, porém mesmo assim em estudos relacionados ao feminismo já “haviam identificado o lar como um local de opressão às mulheres e alguns haviam relacionado [...] a esfera doméstica com o âmbito da produção [...] que o trabalho que as mulheres executam no interior do lar se tornou um tema de indagação crítica”²⁴.

Essa lógica do capitalismo vem fortalecendo atitudes da relação sexual do trabalho vivenciado pela humanidade ao longo de toda história. Mulher em casa se ocupa dos afazeres domésticos, cuidando de sua prole e muito das vezes da parentela familiar, portanto “não trabalha”, é apenas do lar. Em Tianguá (CE) nos anos 40, Ofélia Vasconcelos rompeu esse paradigma da mulher do lar e ocupou espaços laborais na área da educação, para muitos da época era uma afronta ao homem e a família. Na década de 50 foi nomeada pelo Governador do Estado da época a assumir o cartório eleitoral na Comarca de Tianguá (CE).

Imagem 1 - Nomeação de Ofélia Vasconcelos – Cartório Eleitoral



Fonte: arquivo pessoal

Não é de hoje a falácia que o homem que sai de casa, ou melhor que pode sair de casa para trabalhar, ao chegar em casa, goza do descanso e presteza da mulher, sendo esta subserviente a ele, pois ele teve um dia exausto, passou o dia trabalhando, enquanto a mulher “fica em casa”. Esse termo vem carregado de conotação

²⁴ FERGUSON Susan e MCNALLY, David. *Capital, força de trabalho e relações de gênero*. Revista Outubro, n. 29, novembro de 2017, p. 28. http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf. Acesso em 16 ag. 2021.

depreciativa. Pois essa ideia de passar o dia em casa faz referência a uma ociosidade que não existe, a pessoa assume as atividades do lar, trabalhando em muitos casos até mais do que a pessoa que trabalha fora de casa. Segundo Biroli²⁵, “na conformação conjunta do capitalismo e do patriarcado em seus padrões atuais, as mulheres são posicionadas como grupo onerado pelo cotidiano de trabalho prestado gratuitamente, direcionado a ocupações específicas”.

Ofélia Vasconcelos rompeu um modelo familiar, foi exemplo e referência para sua comunidade quando decidiu ir para o mercado de trabalho e não perpetuar comportamentos ditados por homens e regras sociais da época. É preocupante perceber que apesar dos avanços conquistados por mulheres como Ofélia, por movimentos feministas, “o lugar das mulheres permanece subalterno, interpelando os limites da democracia”²⁶. A dominação masculina está alicerçada em estruturas de poder em que o dominador se (auto) proclama como sujeito de poder, conforme assevera Tiburi,

mas a dominação masculina não é apenas atitude dos homens, embora seja fácil para os homens, sujeitos concretos que autorizam a si mesmos como agentes da dominação masculina. A dominação masculina é estrutura de poder ao nível dos dispositivos do poder. Engana-se quem pensa que o “machismo”, nome vulgar da dominação masculina, será desmanchado apenas por meio de uma dominação feminina que seria, aliás, um erro capaz de destruir o feminismo²⁷.

Essa dialética que o feminismo nos coloca não é um mundo em que mulheres coloquem o homem em condições degradantes de subordinação, a proposta do feminismo está centrada em um projeto filosófico que tem como objetivo romper entendimentos de que o homem é o centro do mundo. É uma espécie de experiência do olhar pelo retrovisor, é tentar recuperar na história o momento em que a mulher foi esquecida, trazer essa mulher para o mundo contemporâneo e deixar ela escolher o que é melhor pra ela, é desacorrentar mulheres de estigmas do passado e permitir que ela acesse um mundo que lhe es seu. Podemos dizer que o feminismo é um resgate, uma corrente filosófica que tem um viés político, moral, ético e social.

Por mais que estejamos tratando de um lugar em épocas passadas, esse estudo nos provoca a questionar os avanços aos direitos e garantias da mulher na sociedade. Na

²⁵ BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil* [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. Ferguson e McNally (2017, p.28). São Paulo. 2018, p.18.

²⁶ *Ibidem* p. 20.

²⁷ TIBURI, Marcia. *O Que É Feminismo?* Empório Do Direito. 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/> Acesso em: 20 out. 2021.

figura 1, temos o Caso de Rina Márcia, a primeira prefeita mulher democraticamente eleita em Tianguá (CE) no ano de 1982. Seu mandato foi bastante conturbado e por não se submeter as ordens de políticos homens da região, foi obrigada a renunciar e ir embora da cidade, para dar lugar ao seu vice, Tancredo Nunes.

A figura da mulher na política brasileira é um capítulo à parte, em 2016 tivemos o emblemático golpe dado na então presidenta Dilma Rousseff, em 2021 a vereadora Katyane Leite do município de Pedreiras (MA) teve seu direito de liberdade de expressão cerceado pelo vereador Emanuel Nascimento que arrancou seu microfone em sessão da câmara, o que nos constata a falta de respeito e medo da impunidade em ataques contra mulheres por partes de homens que não aceitam dividir o mesmo espaço de luta e poder que a mulher.

Imagem 2 - Posse da prefeita Rina Márcia



Fonte: Instagram História da Ibiapaba

Denúncias e resistências como estas já se registravam na Grécia antiga em importante expoentes como: Sofo, Hipátia. Cristina de Pizán (1364- 1430) na Idade Média, dedicando vários volumes para as mulheres onde defendia a beleza de todas as mulheres a partir da alma – Pizán é colocada na “fronteira de uma reflexão efetivamente feminina”. No mundo ocidental – século XVIII para o XIX (o feminismo foi como um filho indesejado da Revolução Francesa) na França com Condorcet a mais famosa expressão na luta pelos direitos da mulher – muito embora fosse seguidora de Rousseau (para quem liberdade para os homens não incluía mulher). Nessa mesma direção, paralelo aos debates da Constituinte, expoentes surgem a favor do acesso das mulheres aos direitos políticos expressas pela Sociedade das Republicanas Revolucionárias, de Claire Lacombe (1765) e Pauline León (1768-1838), ou isoladamente, por mulheres resistentes tais como Théroigne de Méricourt

(1762-1817) e Olympe de Gouges (1748-1793). Mais adiante o autor vai dar ênfase a documentos escritos de suma importância, a meu ver, tais como: “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã”, Gouges (1791) que vem numa transcrição com várias alterações da “Declaração dos direitos do homem e do cidadão”, para o feminino, mais precisamente no artigo X (liberdade de opinião/fala na tribuna) e no artigo XI (liberdade de expressão) de fato para a época este ato foi de fundamental importância para as mulheres.

No entanto vejamos o que limita os artigos: “a mulher pode indicar o nome do pai de seus filhos, mesmo que, para tal, afronte os preconceitos. E, em particular, ela incluiu uma peroração final, conclamando as mulheres a romper com as ideias da época e a exigir seus direitos”. No entanto Direito de participação não aparece nessas prerrogativas. Pode-se inferir que, a mulher, “na política, demonstra os desafios que todas as mulheres vivenciam na concretude de suas vidas: entre eles, o patriarcado, que atribui ao homem poder sobre a mulher desde sua infância, visto como natural e reforçado pelas instituições”²⁸. No entanto, se pode constatar grandes consequências para a mulher quando no exercício, não só, mas também, na área da política.

Nessas leituras, em especial, pode ser considerado um chamado ao entendimento para as questões femininas quando se problematiza a situação das relações de gênero que de alguma forma, no pensar de Renata Gonçalves²⁹, “estão arraigadas organizando de forma desigual nossa própria apreensão do mundo”. Nesse sentido “apontar para as desigualdades ajuda a entender por que, apesar dos direitos conquistados nas últimas décadas, as mulheres permanecem “excluídas da política” e continuam a ser o grupo de maior vulnerabilidade”³⁰.

Na verdade, não se justifica tremenda exclusão das mulheres no campo da política, haja vista que nas últimas décadas do século XX para as primeiras do século XXI conquistas significativas, pelo menos no Brasil foram alcançadas, no entanto as desigualdades de gêneros persistem em todas as áreas da sociedade e em qualquer

²⁸ CRUZ, Maria Izabel da. *A mulher na Igreja e na Política*. 1ª ed. Editora: Outras Expressões. São Paulo. 2013.

²⁹ MIGUEL, Luis Felipe. O Feminismo e a política: in MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política [recurso eletrônico]: uma introdução*. 1ª ed. Boitempo. São Paulo. 2014

³⁰ *Ibidem*.

exercício do poder. Para Cruz³¹ “As mulheres hão de lutar desde a sua juventude para o seu empoderamento”, e mais, desde a mais tenra idade e em cada uma das diversas esferas da sociedade. Incluindo ainda: educação, política, lar/família e trabalho. Embora se tenha ciência dos avanços já conquistados nessas esferas da sociedade/comunidade.

Mesmo assim, fica evidente que ainda existem ranços significativo nas ações que culminam com as desigualdades em favor das desvantagens das mulheres. Concordamos com Miguel³² ao defender que, “não é mais possível discutir a teoria política ignorando ou relegando às margens a teoria feminista, que, nesse sentido, é um pensamento que parte das questões de gênero, mas vai além delas, reorientando todos os nossos valores e critérios de análise”

Pertinente se faz lembrar que a história no Brasil, embora timidamente vem demonstrando a sua busca pela igualdade entre/nas, relações de poder. No entanto quando se trata da participação, da mulher, na vida política a conversa muda de figura. Basta rememorar que somente em 1923 quando o Código Eleitoral conferiu direito de votar e serem votados, a todos os cidadãos e cidadãs a partir dos 21 anos de idade e sem distinção de sexo as mulheres conquistaram seus direitos de votar e ser votada. Contudo, em 1937 mais precisamente com o Estado Novo de Getúlio Vargas, o direito de voto foi abortado. Somente em 1946 com abertura política as mulheres voltaram a ocupar seu espaço de votar e ser votada.

Segundo Goldman in Miguel³³, “O sufrágio e o feminismo burguês, por si só, não era capaz de libertar a mulher, apenas a inserirem de um novo modo na mesma ordem social opressiva”. Para romper com esse ciclo mudanças em diferentes setores da sociedade começaram a acontecer. Entretanto, a concorrência entre homens e mulheres seja na política ou no mercado de trabalho ainda é muito desleal. “O machismo e a falta de políticas públicas, penalizam as mulheres, especialmente as

³¹ CRUZ, Maria Izabel da. *A mulher na Igreja e na Política*. 1ª ed. Editora: Outras Expressões. São Paulo. 2013, p. 11.

³² MIGUEL, Luis Felipe. O Feminismo e a política: in MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política [recurso eletrônico]: uma introdução*. 1ª ed. Boitempo. São Paulo. 2014.

³³ MIGUEL, Luis Felipe. O Feminismo e a política: in MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política [recurso eletrônico]: uma introdução*. 1ª ed. Boitempo. São Paulo. 2014.

mães e trabalhadoras, nesta sociedade em que a divisão dos papéis permanece atada a compreensões convencionais do feminino e do masculino”³⁴.

As posturas machistas se alastram nas relações de poder e, mesmo com todo os esforços das/dos feministas, é evidente que essa luta por igualdade nos parece persistir por muito tempo. Ofélia Vasconcelos rompeu com um modelo no campo da educação em Tianguá (CE), não só por suas características de liderança, mas ocupando lugares tidos como masculinos, na sua época as disciplinas das ciências exatas eram consideradas tipicamente masculinas, “as teses evolucionistas que tinham um grande peso na teoria social da época e apontavam a inferioridade das mulheres, discutindo entre outros temas a dimensão do cérebro feminino”³⁵. As matérias de cálculos por muitos anos eram lecionadas por homens, pois muitos acreditavam que mulheres não eram boas de matemática.

Quando Ofélia Vasconcelos rompe em meados da década de 50 com um determinismo biológico que associava fatores como gênero para definir as afinidades com os conteúdos é um salto grande na sua comunidade, pois para muitos daquela época professores homens eram melhores nas exatas e professoras mulheres se adequavam mais currículos das humanas. Quando uma mulher ocupa uma posição que era tida como “genuinamente” masculina, se analisarmos o contexto social da época, soava como uma afronta.

Na imagem 3 temos Ofélia Vasconcelos, a primeira professora diplomada da cidade, lecionou a disciplina de matemática no Ginásio Tianguá e na Escola Regina Coeli – Curso Normal e tinha bastante êxito e admiração por parte de seus colegas de trabalho e alunas/os.

Em um depoimento de uma ex-aluna da época em um grupo de conterrâneos na rede social digital *WhatsApp*, Assunção Nunes comenta sua experiência com a professora:

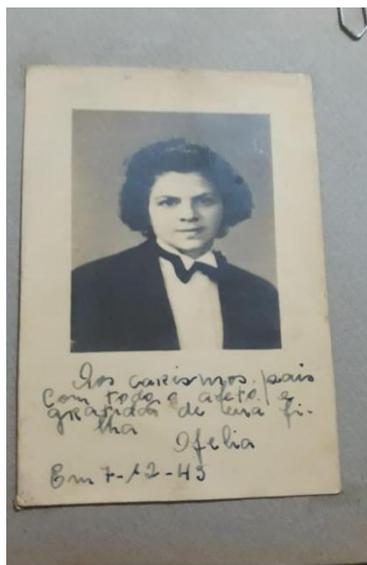
Dona Ofélia era uma mulher brilhante, brilhante, brilhante super inteligente em matemática. Uma vez eu entrei na sua casa e ela tava lá numa sala sentadinha e resolvendo uns problemas de matemática difícil, e eu digo: meu Deus do céu! Como é que a dona Ofélia ta entendendo essa loucura aí. Porque era muito difícil viu! E ela naquela época ela já se esforçava estudava sozinha, e era muito dedicada né, era muito dedicada sempre quis aprender, assim era muito inteligente eu tenho boas memórias [...]; uma pessoa que nunca falava mal de

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ GUIMARÃES, Maria de Fátima. Trajetória dos feminismos: introdução a abordagem de gênero. In CASTILO-MARTIN, Márcia; OLIVEIRA, Suely de. (Org. *MARCADAS A FERRO: violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar*. Secretaria de políticas públicas para as mulheres (Brasil). Brasília. 2005, p. 82.

ninguém uma pessoa boa, amiga, calma. É, acho que ela não saia assim muito, ninguém via ela muito em rua, nem nada. Era ensinando era estudando. (NUNES, Assunção. 2019, on-line)

Imagem 3 - Professora Ofélia Vasconcelos



Fonte: arquivo pessoal

Destacamos aqui a figura dessa professora normalista que ainda hoje é lembrada por seus conterrâneos. Sua representatividade foi muito importante não só para os alunos que passaram pelo Ginásial (relativo ao Fundamental do 6º ao 9º ano) e Normal (relativo ao Ensino Médio) mas para todos que viveram em sua época. Estamos falando de um período tomado por uma hierarquia de gênero e Ofélia desafia os ditames machistas dessa comunidade categoricamente patriarcal. Podemos considerar que Ofélia foi corajosa por começar uma luta em sua comunidade ocupando o lugar de mulher empoderada, dona de sua própria vida.

E na vida afetiva não foi diferente, em uma época de casamentos arranjados em que mulheres não podiam escolher seus parceiros, eram muito comuns os relacionamentos arranjados, o noivo tinha que ser bem querido pelo pai da noiva, era e ele que tinha que agradar. A jovem professora mais uma vez rompe com regras sociais de sua época e escolhe o seu marido, enfrentando toda sua família.

Mesmo inserida nesse contexto, Ofélia namora um rapaz ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, atuou como soldado da borracha, migrando para a região Norte na época da Guerra.

Imagem 4 - Casamento em 1948



Fonte: arquivo pessoal

A contragosto da família, Ofélia se casa de escondida dos seus familiares em uma cerimônia oculta. Com o improvisado vestido que usou na sua festa de normalista, colocou o branco para confirmar seus votos de felicidade como o homem que ela mesma escolheu para dividir sua vida.

4. Considerações Finais

Percebemos que à luta das mulheres é contínua e diária. Os desafios que mulheres enfrentam ao longo dos anos na sociedade é desesperador. As referências utilizadas nessa pesquisa nos possibilitaram importantes reflexões sobre o feminismo em diferentes setores sociais mostrando como acontece essa prática de cerceamento aos direitos e garantias da mulher. É cada vez mais comum e explícito discursos dominantes e ataques aos movimentos feministas e direitos já consolidados.

Compreendemos que os avanços têm acontecido de forma lenta, seja no acesso à educação, aos cargos políticos, postos de trabalho e se aqui for uma posição de chefia e destaque a situação chega a ser mais agravante. Os dados da violência contra à mulher aumentam e as evidências nos mostram uma dominação masculina. Estamos falando de um machismo que é estrutural e o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e posições sociais é um movimento complexo e desafiador.

Apresentamos nesse estudo casos de sucessos e ataques. Trouxemos para o debate figuras importantes para a representatividade da mulher em Tianguá (CE). A pesquisa nos mostrou que desde décadas passadas até os dias atuais, ser mulher no Brasil não é uma missão fácil, é uma luta pela sobrevivência. As regras sociais dialogam com o patriarcado e a ascensão da mulher nos parece ser vista como transgressão. Entretanto, mulheres resistem a esse sistema e lutam pelos seus direitos diariamente.

Referências bibliográficas

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil**

[recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. Ferguson e McNally (2017, p.28). São Paulo. 2018.

COSTA, Albertina de Oliveira. In BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil** [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. São Paulo. 2018.

CRUZ, Maria Izabel da. **A mulher na Igreja e na Política**. 1ª ed. Editora: Outras Expressões. São Paulo. 2013.

DEL RE, Alise. D. **Práticas políticas e binômios teóricos no feminismo contemporâneos**. Ed. SOS Corpos. Recife. 1993.

FERGUSON Susan e MCNALLY, David. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Revista outubro**, n. 29, novembro de 2017. http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf. Acesso em 16 ag. 2021.

GARCIA, Regina Leite (Org). **Método, métodos, contramétodo**. São Paulo. Cortez. 2003.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. **Trajectoria dos feminismos: introdução a abordagem de gênero**. In CASTILO-MARTIN, Márcia; OLIVEIRA, Suely de. (Org). **MARCADAS A FERRO: violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar**. Secretaria de políticas públicas para as mulheres (Brasil). Brasília. 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. **O Feminismo e a política**: in MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política** [recurso eletrônico]: uma introdução. 1ª ed. Boitempo. São Paulo. 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. In BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades, limites da democracia no Brasil** [recurso eletrônico]: 1ª ed. Boitempo. São Paulo. 2018.

TIBURI, Marcia. **O Que É Feminismo?** Empório Do Direito. 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/> Acesso em: 20 out. 2021.

TIBURI, Marcia. **Hierarquia de opressão:** Sobre o lugar da luta. Revista Cult, São Paulo, 22 mar. 2017. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/hiearquia-de-opressao-sobre-o-lugar-da-luta/>. Acesso em:10 set. 2021.